

2.^a Quinzena de Julho

N.^o 11

1.^o ANNO—1909—Director, *Larcher Marçal*

Prop. Administrador, **HUMBERTO GONÇALVES**

Red. e Adm. R. D. ANTONIO BARROSO, 22



Assinaturas--Barcellos 2 mezes 200 rs.--Fôra de Barcellos 6 mezes 700 rs.--Composto e Impresso--Typ. "Centro de Novidades,"--Barcellos

PELA AGRICULTURA


C.M.B.
Biblioteca



D. José Domenech

“Por Barcellos!,,

Depois das entrevistas — As nossas impressões — O que entendemos que é preciso fazer-se — Unamos-nos todos e trabalhemos só pelos interesses de Barcellos.

ONCLUIMOS hoje a publicação das nossas entrevistas com os chefes de partido e directores da imprensa politica da localidade. E que ficará, a ver-se, de tudo isto, — de todo esse nosso trabalho — que possa mostrar alguma cousa de util para esta terra ?

E que pensarão, agora, os chefes entrevistados, tendo conhecimento do que disseram os seus adversarios nas luctas politicas ? — Riem-se, talvez, como de resto se rirá o povo que nos tem lido, e como elles se sorriram captivamente, ao receber-nos, e como o seu espirito se riria, abafadamente, ao escutar-nos uma inter-rogação.

Mas que importa que todos — chefes politicos e povo — se tenham rido, que importa mesmo que todos, nos centros de cavaco, soltem gargalhadas fartas a proposito do que fizemos e do que os chefes nos disseram, se nós de ha muito temos comprehendido o espirito alegre e indifferente d'este povo mole ?!

Ah!... que se o patriotismo existisse no espirito de todos, se o desejo de trabalhar «por Barcellos» fosse em todos tão sincero e tão entusiasmado como o nosso é, ha que tempos se teria posto ponto final n'essas luctas estereis da politica local ! Ha que tempos isso teria acabado e ha que tempos tambem se teria cuidado, só, do que a esta terra interessa !

Ha que tempos ! — senhores que nos leem !...

Quem se propõe a trabalhar em prol de uma causa — e uma causa importante é esta dos interesses e melhoramentos locais — esquece aggravos e sacrificios, não olha a obstaculos, arrosta com tudo e... cami-

nha, avança, só com a ideia de que a campanha ha-de ser gloriosa, só com o cuidado e attenção no caminho patriotico que trilha.

E era, precisamente, com o fim de preparar o caminho para uma futura união dos chefes da politica local, moldada no principio de, em tempos de paz politica — porque consideramos tempo de paz politica o que medeia entre eleições — se tratar unicamente dos melhoramentos e interesses locais, que nós fomos fallar-lhes e dizer-lhes a nossa ideia da Liga defensora e promotora dos interesses e melhoramentos de Barcellos, por elles orientada e dirigida.

E sejamos francos em dizer que alimentamos essa esperanza, mesmo quando os ouviamos, e apesar dos seus pessimismos.

Mas ouvindo-nos, elles por certo se riam das nossas palavras e convicções optimistas, por que em respostas aos seus pessimismos respondiamos com optimismos, como quem tem a convicção de que o «querer é poder». Porém, depressa nos convencemos de que sustentavamos um erro, de que o nosso espirito nos atraçoava se continuasse-mos a manter taes optimismos. Os chefes politicos, nas suas entrevistas, poseram-nos bem claro o seu pensar, relativo a não julgarem viavel a Liga, se por elles fosse constituida.

E que quer dizer isto ?

— Que é larga a distancia que os separa a todos, que é o mesmo que elles proprios dizerem que julgam irrealisavel a sua união — essa união tão necessaria e por elles mesmos reconhecida — para o fim, que a todos interessa, de se tratar dos melhoramentos de Barcellos !

Puzeram-nos assim á vista toda a pegonha que os distancia e nós, como que confundidos ante tantas difficuldades a vencer, que nós não podemos nem elles sabem co-

mo aniquillar, viemos, um tanto desorientados e com a ideia presa ás suas palavras, transmittir ao papel, — o quê? — isso que derruia por completo a nossa ideia e que aniquilla muitas esperanças e que . . . fez rir muita gente, essa gente que só sabe rir e não sabe levantar-se, em massa, para protestar contra a orientação d'essa politica que despresa os interesses da terra que a alimenta! . . .

Que significa isto? Que devemos chamar a esta attitude d'um povo que deve pensar a serio no levantamento da sua terra? — E' preciso reagir, é preciso trabalhar.

E se a attitude dos homens em face do caminho que a politica local tem tomado, esquecendo os interesses de Barcellos, representa cobardia, que pessima a constituição moral e cívica d'essa gente e que criminosos são os que tão ruins lições deixam á mocidade que os segue, sedenta de progressos moraes e materiaes!

Se os chefes políticos, como nol-o demonstraram, não se pódem unir, una-se o povo e chame-os, concilie-os e diga-lhes que fóra das luctas electoraes, trabalhemos todos por Barcellos! E' este o caminho, é esta a linha a seguir.

Porque, enquanto que todos não cuidarem d'isto a serio, permaneceremos n'esta indolencia que consideramos um crime.

.....

A fundação da Liga defensora e promotora dos interesses e melhoramentos de Barcellos, segundo a opinião de todos os entrevistados, é necessaria. N'este sentido, é unanime a opinião de todos os homens que ouvimos. Ha, portanto, n'este ponto, homogeneidade de ideias. Põem, sómente, dificuldade na constituição da Liga, se persistir-mos na ideia de que ella deve ser constituida ou dirigida por elles, como entendemos ser mais conveniente.

Resta, portanto, procurar a união dos chefes políticos para que a Liga se constitua com bases solidas, mas com este trabalho não podemos sómente nós. Precisamos do povo, da imprensa, de tudo, para isto se conseguir.

Deixemos-nos, senhores, de apathias, de indiferenças: que trabalhar pelos interes-

ses e melhoramentos da nossa terra, é trabalhar tambem em nosso proprio interesse.

Unamos-nos, que a união faz a força; e trabalhemos, que o trabalho é a vida.

Povo barcellense:

Ergue-te e caminha!

O que diz o sr. dr. Joaquim Paes de Villas-boas, director do «Commercio de Barcellos»:

Desejam, os intelligentes redactores do *Barcellos-Revista*, inserir nas columnas do seu jornal a minha opinião sobre a projectada Liga de Interesses de Barcellos.

Para lhes não tomar demasiado espaço, resumirei, o quanto possa, as ideias fundamentaes que, sobre melhoramentos e Liga, tenho concebidas.

Melhoramentos materiaes, de que Barcellos muito precisa: abastecimento de aguas, saneamento, limpeza de ruas, habitações hygienicas, embelezamento de ruas e praças, illuminação, arborisação, um hotel em regulares condições, alargamento da estação do caminho de ferro, reparação d'estradas, policia, viagem accelerada ligando Barcellos a Espozende, um instituto de casino agricola regional, etc.

E como antes de semeiar é preciso preparar o terreno: a educação moral e cívica da população impõe-se.

Quanto á imprensa, ella muito tem a fazer mas é preciso, primeiro que tudo, que não appareçam jornaes, cujos directores possam ouvir o que ouviu o sapateiro que se metteu a musico.

O «Commercio de Barcellos», escusado será dizer, está, como sempre, ao lado de tudo o que seja util para a terra.

Para terminar, com toda a franqueza lhes direi que a respeito de chefes políticos e repectiva união, me abstenho de fallar.

Quanto á Liga, muito util lhes seria entender-se com a Sociedade de Propaganda de Portugal, benemerita corporação que muito pode auxiliar-os.

Joaquim Paes de Villas-boas.

O que diz o sr. Joaquim José d'Araujo, director do «Regenerador-Liberal»:

Srns. Redactores do *Barcellos Revista*.

Respondendo ao questionario que v. v. se dignaram enviar-me, tenho a declarar-lhes que — quer pessoalmente, quer como director do *Regenerador-Liberal* — estarei sempre e no maximo das forças ao meu dispor ao lado d'aquelles que, desinteressada e patrioticamente, se disponham a trabalhar em prol do levantamento moral e material d'esta terra e a curar dos seus progressos, dotando-a com todos os melhoramentos a que ella tem

direito pelas suas tradições, importancia e naturaes bellezas e procurando, enfim, imprimir-lhe por um largo e bem estudado plano, compativel com os seus recursos — o *caracter* de uma villa moderna.

Aos restantes pontos do questionario permitam-me v. v. que eu me abstenha de responder, porque — uma vez constituída a Liga — a ella compete discutir e assentar o caminho a seguir para tornar effectivos os seus fins.

Parece-me—salvo melhor juiso—que só na discussão em conjunto encontrarão v. v. o accordo de todos, e não em respostas isoladas, em que cada um se deixará guiar ao sabor da sua phantasia, não podendo nunca, por esse processo, chegar-se a resultados praticos.

Assim o penso e ahi fica com a franqueza que me é habitual.

De v. v. etc.

Barcellos,
23 — 7 — 909.

Joaquim José d'Araujo.

A todos os entrevistados, mais uma vez agradecemos a gentileza de nos receber e aos nossos presados collegas da **Folha da Manhã, Commercio de Barcellos e Regenerador-Liberal**, agradecemos tambem a gentileza ds nos mandarem, por escripto, as suas opiniões.

PELA AGRICULTURA

«Trabalhar pelo desenvolvimento da agricultura, é trabalhar pelo desenvolvimento da Patria.»

«— A lavoura é a maior riqueza de Portugal.»

«— Melhorar as condições do trabalho da terra e aperfeiçoar os trabalhos de cultura, é promover o augmento da riqueza publica.»

CONDE DE VILLAS-BOAS

(Das bandeirinhas distribuidas na parada agricola, realisada nas festas das Cruzes.)

D. JOSÉ DOMENECH, illustre socio gerente da Grande Fabrica de Serração a Vapor, — d'essa grande fabrica onde trabalham algumas centenas de operarios e que tanto veio beneficiar as classes pobres d'esta villa e freguezias limitrophes e que é um dos mais importantes estabelecimentos industriaes do nosso paiz e que muito honra esta terra, por que a enriqueceu e deu trabalho aos pobres — e já considerado um dos mais respeitaveis benemeritos da nossa terra. Foi um dos que mais entusiasticamente se associou á ideia da realisação d'essa impressionante parada agricola effectuada por occasião das esplendorosas festas

das Cruzes d'este anno e é um dos homens que, apesar de não ser de nacionalidade portugueza, mais se empenha e trabalha pelo desenvolvimento e aperfeiçoamento da nossa agricultura, procurando sempre, por muitos meios praticos, incutir no espirito do lavrador a necessidade de tratar da terra e de fazer com que ella augmente a producção.

E' o nobre filho da visinha Hespanha um entusiasta por tudo que seja progredir. E de tal ordem o illustre industrial se dedicou ao povo barcellense, que é hoje rara a pessoa que com elle não tenha fallado e que não sinta por elle a mais arreigada sympathia e que lhe não tribute a mais sincera admiração.

E' que nós — o. barcellenses — não o consideramos já um subdito da Hespanha: é, para todos os effectos, um barcellense, um d'esses poucos que trabalham pelo levantamento da agricultura e, consequentemente, pelo desenvolvimento da Patria portugueza.

E é por isso que, muito gostosamente, prestamos sincera homenagem de respeito e admiração a D. José Domenech, inserindo na primeira pagina o retrato de tão illustre amigo de Barcellos: e interpretamos assim o sentir do povo d'esta terra.

Veem estas palavras a proposito de uma reunião effectuada, no dia 26 d'este mez, no escriptorio da Fabrica de Serração e a convite d'aquelle illustre industrial. Ahi, mais uma vez tivemos occasião de conhecer das brilhantes qualidades de trabalho e iniciativa do nosso querido retratado, juntamente com os captivantes rasgos de franqueza e entusiasticas manifestações de carinho que para com todos tem.

Tratou-se n'essa reunião — em que se fizeram representar os chefes politicos e imprensa local — dos meios a empregar para animar o lavrador a cuidar da cultura da cebola, producto agricola este que está tendo o maior consumo no estrangeiro e que, portanto, é de facil e immediata venda. Sobre o assumpto, o sr. D. José fez uma entusiastica preleção, demonstrando claramente quaes os lucros que o lavrador pode obter se, com a necessaria attenção, cuidar da cultura da cebola, que pôde ser uma riqueza para o nosso lavrador.

A iniciativa do sr. D. José foi por todos recebida com o mais rasgado applauso, ficando assente que nova reunião se effectuasse, atim de mais amplamente se tratar o assumpto, de tão grande interesse.

Por nossa parte, manifestamos mais uma vez ao sr. D. José Domenech o nosso agradecimento, pelas attensões e carinho que tão gentilmente nos dispensou.

E é assim, por estes processos tão sympathicos, que o sr. D. José, um filho da Hespanha, procura, desinteressadamente, «melhorar as condições do trabalho da terra e aperfeiçoar os trabalhos da cultura, para promover o augmento da riqueza publica», — da riqueza de um paiz que não é a seu, facto que mais o nobilita e que mais o torna merecedor e credor do respeito e admiração dos portuguezes.

MORTE SUAVE

*Da tua nivea mão, bebo, querida,
O veneno fatal que dá a morte,
Bebo-o sem medo, bebo-o com transporte,
N'uma volupia immensa, indefinida!*

*Sendo um veneno atroz, essa bebida
E' como um vinho saboroso e forte,
E sabendo, vè tu, que bebo a morte,
Por outra mão não beberia a vida!*

*Bella e traidora matas-me sorrindo...
E enquanto a minha cova vaes abrindo,
Por te deixar, com infinita pena,*

*'Inda te vou olhando tristemente,
Olho-te ainda n'um desejo ardente,
Abençoando a mão que me envenena!*

Porto.

Raul Martins.

Ao monte da Franqueira

Projecta-se para o dia 26 do proximo setembro uma peregrinação a Nossa Senhora da Franqueira e a comissão que a promove teve a gentileza de nos officiar, convidando-nos a fazer parte da Comissão de Propaganda.

Não podemos, de nenhum modo, negar o nosso apoio á idéa, nem deixar de acceitar o logar que nos distribuiram na allodida comissão.

Toda a gente sabe que o *Barcellos-Revista* não trata de assumptos religiosos nem de politicos.

N'esta publicação e pondo de parte tudo, até muitas vezes os interesses particulares e o repouso do corpo, tratamos unicamente do que interessa a esta terra, procurando, por todos os meios ao nosso alcance, defender e prestar auxilio a tudo que seja para o engrandecimento moral e material de Barcellos, não deixando de aproveitar, sempre que ensejo tenhamos, os meios que possam servir para se fazer a propaganda da nossa povoação.

Não temos seguido outro caminho, nem seguiremos.

Aproveitamos esta occasião para bem claramente dizer-mos isto — que é a repetição do que afirmamos no artigo-programma d'esta *Revista*.

Todos que precisem do nosso desvalioso concurso e desde que se trate de qualquer assumpto em que vejamos resultados immediatos ou futuros para o engrandecimento de Barcellos, ao seu lado estaremos sempre, offerecendo sinceramente o melhor dos nossos esforços e a nossa mais entusiastica collaboração. Assentamos a nossa idéa n'este ponto concreto e d'aquí não arredaremos. E estaremos sempre — conven tam-bem dizel-o — em opposição a tudo que seja para difficultar qualquer iniciativa util e reconhecida-mmente valiosa para os melhoramentos locais, par-ta a iniciativa de quem partir e venha a opposição de quem vier.

A nossa attitude parece-nos que mais uma vez fica bem definida e clara.

Só olhamos pelos interesses da nossa terra; e como na projectada peregrinação vemos um grande incentivo para se cuidar do aformoseamento do monte da Franqueira, sinceramente damos o nosso desvalioso apoio á comissão promotora, que desde já pôde contar-nos a seu lado, para trabalhar na comissão de propaganda, com toda a lealdade e com todo o enthusiasmo.

E era assim, abdicando das suas crenças ou paixões politicas, que nós pretendiamos ver todos os elementos unidos, trabalhando pelos interesses de Barcellos.

E vem a proposito dizer que esperamos que da peregrinação que agora vaie effectuar-se, alguma coisa fique de util para os melhoramentos do monte da Franqueira.

◆



◆

A' Princeza do Cavado

BARCELLOS minha, terra de encantos,
Onde meus prantos sempre enchuguei . . .
Aqui respiro só alegrias,
Lembram-me os dias que aqui passei
E que não voltam, não voltam mais! . . .
Dias felizes, dias da infancia,
Com a fragrancia dos roseiras . . .

Tornam-me alegre teus lindos prados,
Avelludados, a verdejar . . .
E esse teu Cavado, com suas agoas,
Que fundas magoas não faz seccar! . . .
Eu passo aqui, terra querida,
Alegres, bellos, doces momentos,
Em que tormentos não tem a vida.

Immerso estou em bellos sonhos,
Que estes risonhos, lindos logares
A alma enlevam nesta candura,
Nesta doçura dos patrios lares . . .
E' mais aiegre já o meu canto,
Aqui as dores, aqui as penas,
São mais pequenas, não ferem tanto.

E eu que, de longe, entre amarguras,
Entre as agruras do meu estudo.
Tuas bellezas já anhelava
E suspirava por isso tudo,
Rapidamente, quando cheguei,
Barcellos minha, terra de encantos,
Deixei os prantos, não mais chorei . . .

CAMPOS LIMA.

DE RELANCE

As pessoas que me leem — se tenho quem me leia — sabem o que é um passeio forçado pelas circumstancias imprevistas? — Sabem o que é uma decepção? — Pois se não sabem vão sabel-o agora:

No domingo, — 1.º d'agosto — juntaram-se sete amigos e resolveram, emquanto que o Diabo esfrega um olho, um passeio á Barca do Lago, em Gemezes, não tanto para ouvir as musicas dos nossos Bombeiros e de Villar do Monte, que allí foram tocar na festa da Senhora do Lago, mas

mais para gosarem um pouco o lindo sitio, um dos mais bonitos por onde o Cavado passa sem ir de encontro a rochedos e deixando na sua margem esquerda um comprido e plano areal, n'aquelle dia de festa sempre cheio de gente; e para apreciarem, tambem, o encantador aspecto do rio, cealhado de barcos, uns de carga, outros de pesca — e ainda outros, os de mais effeito sem vida, de pinturas garridas e cobertos de toldos — mas todos transformados em barcos de recreio, onde se viam as camadas sociaes mais elevadas, principalmente de Espozende, que destacou á Barca do Lago a sua *élite*.

Mas . . . vamos de vagar na descripção:

Retrocedamos um pouco, caro leitor, porque de retrocesso tambem posso chamar á viagem:

Eram 3 e meia da tarde do dito dia:

O carro partiu do Largo da Praça, em direcção á Barca do Lago. Lembrei-me, n'este momento, d'este sitio do coacelho d'Espozende, que achei tão bonito, tão pittoresco, quando da ida ali do Conselheiro Campos Henriques. O carro partiu, como já disse. O galopar dos cavallos mostrava que tinhamos pressa de chegar ao sitio da festa mas . . . a certa altura, um dos companheiros, que a todos fazia rir com as suas chalaças e outras vezes com a unica cantiga que diz ter aprendido — «quando eu era morgado . . .» — fazia com que o carro parasse, porque precisava de apanhar o chapéu ou a cigarrreira de prata (*sic*) ou outra coisa que lhe cahia, casual ou propositadamente.

E assim, n'este caminhar alegre, por entre gargalhadas provocadas por ditos *chistosos* e outras ainda a proposito da projectada compra de uma quinta em sitio pittoresco, que muito agradava ao companheiro doutor para um curro . . . , chegamos ao monte do Faro: (a proposito d'este monte, conta A. C. um trecho d'istoria patria, sobre a invasão dos franceses, ou d'outros tão bons como elles . . .)

— Estamos perto! — diz um.

Passamos por um ramal d'estrada e um de nós diz para o cocheiro, apontando-lhe o ramal:

— Não é por aqui? — Não senhor, responde o cocheiro. E' mais adeante . . .

— Será . . . disse eu com os meus botões . . .

Continuou a rodar o carro e nós iam conversando despreocupadamente.

Chegamos a uma recta da estrada e divisamos lá ao longe dois esguios mastros, com compridissimos guiões dependurados:

— Lá estão as bandeiras! E' ali a festa!

A alegria communicou-se a todos, parecendo que já tinhamos chegado á Barca do Lago!

O carro foi andando e chegamos . . . a Espozende! A Espozende! Uma gargalhada enorme cobriu as ultimas palavras sahidas da bocca dos decepcionados!

Não havia que duvidar: o cocheiro enganou-se no caminho e os compridissimos guiões que vimos dependurados nos esguios mastros, annunciavam a festa da Senhora da Saude, em Espozende.

Uma volta á villa, sempre de cara alegre, mas sabe Deus com que gosto . . . De resto Espozende

tinha destacado a sua fina sociedade para a Barca do Lago. Tudo fechado, deserto! Que decepção!

Muito a trote, os cavallos retrocederam e levaram-nos á Barca do Lago! Aqui, sim! Concorrença numerosissima, uma festa muito animada. Ainda vimos a procissão, que levava quatro andores e anjinhos.

Os forasteiros agglomeravam-se em duas alas, passando pelo meio o prestimo religioso e nós... passamos na grande barca de carga, onde se acabava a gente como a sardinha, para a outra banda do rio, e fomos para uma bouça merendar o que levavamos n'uma condessa de luxo. Subiase mas escorregava-se tambem nas hervas seccas

do pequenino monte. Aqui, deparamos com um grupo de senhoras e um cavalheiro espozende, que se riam, a bom rir, das *partidas* inoffensivas de um *morgado* cá da sucia. Depois da *laina*, que decorreu alegre, mettemos gódos á condessa e... até Barcellos, onde chegamos bem, sem a mais pequena nota discordante. Assim, é que é passciar.

Ora digam-me agora os leitores:

Não foi uma decepção o irmos a Espozende, e principalmente n'aquelle dia 1 de agosto, onde nada havia que vér? Só por engano, é que este passeio se podia dar assim.

Só por engano, sim, é que alli fomos n'aquelle dia.

J. S.

ROSAS D'AMOR

Não vás ao jardim, que as rosas
Travam assidua questão:
Aspiram todas teus mimos,
Todas querem tua mão.

Eu gosto, gosto de vel-as,
Quando regal-as tu vais:
Como, erguendo alliva a fronte,
Querem brilhar todas mais!

Mas hontem, hontem de tarde
Uma d'ella fez-me dó:
Para oscular teus vestidos
Cobriu-se toda de pó!

Foi, uma, cuja vergonhea
É de airosa elevação;
Que ao ver-te passar, do vaso
Se debruçou para o chão.

Tu passaste; e o teu vestido
Depois na rosa tocou;
E ella, mais erguendo a fronte,
Toda vaidosa ficou.

Agora as outras com raiva
Assombram a pobre flôr,
Que pouco e pouco já cede
De essencia, viço e frescor!

Eu terei summo cuidado
Em ir regal-as por tí:
As rosas ardem em zelos,
Não voltes mais para alli!

A. MALHEIRO

Atravez do binoculo

Do alto da Franqueira:

Que grande *canudo* eu tenho nas mãos, senhoras! Nem parece um binoculo, cheinho de lentes, d'esses binocolos modernos que se vendem por bom preço! E' feito d'uma cana mas póde servir. Vou experimental-o agora, d'este Alto e, do que elle me mostrar direi.

Lá está a praia d'Apulia—que bem se vê! Uma onda enorme vem a quebrar-se na areia!

Ah!... que vejo?! O Toneco, se bem me parece e se o binoculo me não engana, a correr pelo areal fóra! Será? E quem será o outro que o segue?

—Parece — não o juro — o Carvalho banheiro. Será?

Que deserto, aqui! Nem viva alma se vê! E que lindo sitio, para se vir passar uma epocha do verão. Que deliciosa é esta aragem fresca, soprada dos lados de Vianna!

Que pena não haver ali um capitalista que se resolva a mandar construir aqui umas pequenas habitações, e alguem que se não interesse pela construcção de uma estrada para aqui!

Que pena eu tenho!

Lá no fundo do monte, o convento, que tem cousas preciosas; e, lá longe, Barcellos!

Ui!... que é isto? — Um coelho, maior do que um gato de salla, que me passou pelas pernas, em corrida doida... Que susto, que susto!

E pobre coelho — em que sitio irás tu morrer varado, d'aqui a pouco, pelo chumbo sahido do cano da espingarda do filho do Torres das estradas, ou d'outro caçador!

E encurtaram-te a vida, em 15 dias! Pobre coelho!

Lá está Fão e, mais a deante, Espozende. Fão — como dizem as fãosciras — que bonito parece ser Fão!

Que ouço? — Parece o barrêgo do Pedro a apregoar o « Janciro » e o « Noticias ».

Será? — Que bello achado, que bello binoculo que até aproxima de mim a voz das pessoas que elle me mostra!

Agora é que eu vou saber cousas do arco da velha, cousas bonitas, se o binoculo tambem aproxima de mim as conversas em segredo.

Mas será verdade eu ouvir a voz do Pedro, de lá tão longe, da villa? Vou de novo acertar o binoculo p'rahi:

« Olha o Janeiro, o Noticias . . . noticias importantes de Lisboa . . . »

E' verdade, não tenho que hesitar! Mas que optimo *canudo*, este que eu tive a ideia de arranjar! Que bella ideia!

« A' Voz Publica, a Palavra . . . » — agora ouço o Pêgar! Querem-se rir que eu até vou ouvir os berros do Humberto?!

— Oh que boa sardinha! — agora é o prêgio das sardinheiras d'Espozende, ahi. Mas hoje haveria sardinha?

Ah! ah! ah! ah! — que gargalhada me deu! O que eu agora ouvi! Nem o digo, para não fazer córar muita gente — mesmo a gente anemica.

Mas que bello binoculo este!

Não quero mais dos outros, que custam um dinheirão e este fil-o eu d'uma cana da india, bastante grossa, que furei com um ferro em brasa, aquecido ao fogão e só tem duas lentes, que apanhei baratinhas ao David relojoeiro, n'um dia em que elle estava em conversa muito animada, muito contente.

E já sei que, quando quizer comprar cousas baratas ao David, tenho de esperar a occasião em que o veja muito contente ou animal-o, dizendo-lhe que é o unico artista barcellense que sabe pôr as mãos nos relógios, ou que tem sido o unico arrematante da illuminação da villa, que tem sabido economisar petroleo.

E se eu puzer mais uma lente no *canudo*, esteu convencido de que hei-de ouvir até as conversas em segredo dos namorados e o que nos bastidores se possa dizer . . .

Adeus, senhores da *Revista* — *Barcellos*. De cá, se com mais uma lente souber o que quero, lhes direi o que não sabem . . . Vou fazer a experiencia e . . . até á quinzena, se o tempo o permittir.

Viajante amigo.



“Folha da Manhã,,

Completo 30 annos d'existencia, este nosso presado collega local, motivo por que o cumprimntamos.

PERFIS MASCULINOS

IX

Tem a vez um titular
Nobre conde, e tanto basta;
Falta-lhe só apanhar,
Esprequeiral, boa pasta.

E' d'um *grupo* dirigente
Que resurge pelo inverno,
P'ra tocar funéreamente,
Livrando os socios do inferno!

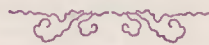
De noite, á luz da *ribalta*,
Desperta o riso com arte;
Pois sempre fêre, resalta,
Um dito d'elle, um *áparte*.

Tocou *pifre* em tempos idos,
Com gosto, compasso certo,
Mas desgraçados ouvidos
De quem andasse por perto!

Quando se vê constrangido
As duras tarefas suas,
Coitado, de aborrecido
Entra á uma e sahe ás duas!

Tem piada e ditos finos,
Causticantes, engraçados;
E' talvez dos mais ladinos,
— Sem offensa aos perfilados. —

DOIS AMIGOS.



Publicações

Editado pela livraria Valle, d'esta villa, appareceu um livrinho intitulado *O Monte da Franqueira*, contendo:

« Descripção do Monte e sitio do convento do Bom Jesus do Monte da Franqueira, noticia do antigo Castello de Faria e da capella de Nossa Senhora da Franqueira que estão junto ao convento ».

Este livrinho é extrahido da Chronica da Santa Prov. de Nossa Senhora da Soledade, por Fr. Francisco de S. Thiago.

Custa apenas 120 rs.